



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de cumprimentos à Delegação Brasileira para os II Jogos
Parapanamericanos de Mar Del Plata**

Palácio do Planalto, 27 de novembro de 2003

Meu querido companheiro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte,
Meu companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica
Federal,

Companheiro Vital Severino Neto, presidente do Comitê Paraolímpico
Brasileiro,

Meus companheiros deputados que estão aqui,

Minha querida companheira Marisa,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Vocês ouviram que o nosso mestre de cerimônias, ao anunciar a
assinatura do protocolo, disse protocolo de intenções.

A verdade é que a Caixa Econômica vai patrocinar por um ano, porque
nós entendemos que a razão pela qual fomos eleitos Presidente da República,
pela qual nós construímos um partido, pela qual construímos uma história no
movimento sindical e social brasileiro é para ver se a gente vai mudando as
coisas devagarzinho, mas vai mudando, para que a gente possa ter uma
sociedade mais justa, uma sociedade onde todas as pessoas sejam tratadas
em igualdade de condições.

Essa é uma coisa que precisa permear a cabeça de cada dirigente
político deste país, de cada governante, porque os portadores de deficiência
não querem ser tratados como pessoas de segunda classe ou ser chamados
de coitadinhos. Está cheio de gente que tem duas pernas, duas mãos, enxerga
com os dois olhos e, na verdade, tem deficiências que o mundo inteiro não



conserta.

Graças a Deus, vocês são exemplos de que não é a falta de um órgão no corpo que diminui a gente. Ou seja, nós temos que pensar sempre que podemos fazer mais do que as pessoas pensam que a gente pode fazer.

E é com muito orgulho, orgulho de Presidente, orgulho de brasileiro, orgulho de companheiro, que estou participando deste encontro, na véspera de vocês viajarem e trazerem mais medalhas. Se não trouxerem mais medalhas não tem problema, porque vocês, certamente, trarão muito orgulho a todos nós, brasileiros, por sabermos que vocês estavam lá, fazendo o impossível para que pudessem ser os melhores na área em que estão disputando.

Quanto ao paraolímpico, Jorge Mattoso, ocorre uma coisa engraçada. Eu não sei se os dados que tenho aqui estão certos, Vital. Se não estiverem, você me corrige, porque é importante a Imprensa saber. Uma coisa que sempre me deixou indignado no Brasil é que, quando tem uma Olimpíada, a Imprensa só trata bem quem ganhou medalha, as pessoas só vão receber no aeroporto quem ganhou medalha e o Presidente da República só recebe quem ganhou medalha.

É como se a pessoa que foi disputar e não conseguiu ganhar – não porque não quis, mas porque tinha alguém que estava melhor preparado – ficasse diminuído na sua volta. Então, você não vê nunca os que foram derrotados participarem.

Nós tentamos, quando terminaram as Olimpíadas, trazer aqui os que tinham medalha e os que não tinham medalha, para que a gente pudesse prestar a mesma homenagem, porque eu acho que todos os que vão para uma disputa em qualquer atividade, vão com a disposição de ganhar. Se a gente não ganha é porque tem alguém que se preparou mais do que nós e precisamos respeitar. Ao invés de sermos vítimas, nós tivemos alguém mais preparado do que nós.



Eu procuro ser um exemplo disso porque, vamos ser francos, ninguém perdeu mais medalhas do que eu, não é? Perdi três eleições. Três eleições são como uma Olimpíada para mim. Mas, continuei teimando e ganhei a medalha, e estou aqui, podendo falar com vocês.

Eu não sei se os dados estão corretos, mas, para a Imprensa saber, o paraolímpico, no Brasil, o esporte para portadores de deficiência, nasceu no Brasil em 1958, quando o paraplégico Robson de Almeida Sampaio fundou, no Rio de Janeiro, o Clube do Otimismo. E, no mesmo ano, o também paraplégico Sérgio Del Grande fundou, em São Paulo, o Clube dos Paraplégicos.

Em 1959, o Maracanãzinho foi palco da Primeira Competição Parada Desportiva do País, um jogo de basquete em cadeira de rodas, que reunia as equipes dos dois clubes.

O Brasil participou, pela primeira vez, de competições internacionais em 1969, em Buenos Aires, próximo de onde vocês vão agora, disputar e trazer as nossas medalhas e os nossos esforços. O Comitê Paraolímpico Brasileiro foi criado em 1995, no mesmo ano em que aconteceram os Jogos Brasileiros Paradesportivos, em Goiânia.

Eu quero lembrar, aqui, que a primeira edição dos Jogos Panamericanos Paraolímpicos ocorreu em 1999, na cidade do México. Participaram, aproximadamente, três mil atletas, representando 18 países. A delegação brasileira tinha 148 atletas e conquistou o vice-campeonato, com 212 medalhas.

Este ano, a delegação brasileira tem 186 pessoas, entre atletas, guias, técnicos, médicos, fisioterapeutas, enfermeiros, apoios técnicos, administrativos e autoridades. Eu espero que irão menos autoridades do que atletas.

As modalidades de competição são: atletismo, natação, ciclismo, esgrima, basquetebol, voleibol e adestramento. O objetivo é conquistar vagas para os Jogos Paraolímpicos de Atenas, em 2004, nas modalidades basquete,



vôlei masculino e feminino e adestramento, e aumentar a quantidade de vagas em atletismo, natação, ciclismo e esgrima. Todos vocês vão competir por uma vaga para Atenas? E quem é que acha que vai ganhar? Levante a mão aí, para eu ver.

Acho que é importante a Imprensa registrar o nome das pessoas que estão aqui, porque, mesmo dentre nós, sempre aparece alguém que faz uma coisa bem feita. Queria que a Imprensa destacasse: nós temos uma companheira, aqui, uma atleta chamada Ádria Rocha dos Santos. Eu dei um beijo naquela moça bonita, nem sabia que era a Ádria, 29 anos de idade. Desde menina a Ádria é portadora de retinose pigmentar, que leva à cegueira. Começou a treinar em 1987 e, hoje, é a velocista portadora de deficiência visual mais rápida do universo paraolímpico. Ela está tão pomposa com as medalhas, que nem as roupas de vocês ela está vestindo mais.

Especialista nos 100 metros, 200 metros e 400 metros rasos, ela gosta mais do desafio dos 200 metros. Em fevereiro, submeteu-se a uma cirurgia no joelho esquerdo e, em agosto, conquistou, no Mundial, em Quebec, no Canadá, duas medalhas de ouro, nos 100 e nos 200 metros. E uma de bronze nos 400 metros rasos. A Ádria já tem 19 medalhas conquistadas em paraolimpíadas e jogos parapanamericanos. Ganhou a primeira medalha das paraolimpíadas em Seul, em 1988. Meus parabéns, companheira Ádria. E continue... Eu fico imaginando que, se aos 58 anos eu me sinto um menino, você, com 29, deve se considerar uma menina para fazer ainda mais, quem sabe, quantas paraolimpíadas pela vida. Que você continue trazendo medalhas e, mais do que medalhas, continue trazendo orgulho para o povo brasileiro.

Mas também tem um companheiro aqui, Clodoaldo Francisco da Silva, 24 anos. Cadê o Clodoaldo aí? Ele deve ter também um recorde de gostar de tirar fotografia. Clodoaldo tem três recordes mundiais, dois deles em provas de 50 e 100 metros. Apresenta dificuldade de movimento nas duas pernas e uma pequena falta de coordenação motora. Dedicar-se, exclusivamente, aos treinos



de natação. Em novembro, Clodoaldo participou de uma competição em São Paulo e bateu mais um recorde mundial nos 50 metros de nado livre. Meus parabéns, Clodoaldo. Se eu soubesse que você era um cara tão famoso assim, eu tinha tirado umas dez fotos com você.

Roseane Ferreira dos Santos, Rosinha, 32 anos. Cadê a Rosinha? Bem, a Rosinha... não era eu quem deveria falar isso. Estou falando aqui para a Imprensa registrar. Rosinha tem a perna esquerda amputada e começou a praticar esporte em 1997. Suas especialidades são lançamento de disco, dardo e arremesso de peso. Entre seus diversos títulos ela conquistou três medalhas de ouro no Mundial da Nova Zelândia, em 1999; três de ouro, no Panamericano do México, em 1999; e duas de ouro, nas Paraolimpíadas de Sidney, em 2000. Meus parabéns, minha querida. Espero que, com essa força de arremesso de peso, você não decida me arremessar em algum lugar.

O Brasil nas paraolimpíadas: desde que o Brasil mandou a sua primeira representação aos Jogos Paraolímpicos, em 1972, na Alemanha, a presença brasileira nessas competições vem se ampliando. Em Sidney, o Brasil teve sua maior delegação em uma paraolimpíada – 64 atletas, divididos em nove modalidades.

Alguns medalhistas em Sidney: a velocista Ádria Rocha dos Santos ganhou duas medalhas de ouro, 100 metros e 200 metros, e uma de prata, 400 metros, tornando-se a atleta brasileira com o maior número de medalhas em paraolimpíadas. Ela acumula nove conquistas em quatro paraolimpíadas.

A arremessadora Roseane dos Santos, essa beldade que apresentei a vocês agora, foi a grande revelação brasileira, com duas medalhas de ouro, peso e disco, e dois recordes mundiais.

Os nadadores Adriano Gomes de Lima e Clodoaldo Francisco da Silva foram os brasileiros que conquistaram o maior número de medalhas em Sidney. Eles voltaram para casa com quatro medalhas cada um, três de prata e uma de bronze. Também participaram de três revezamentos, em que



garantiram duas medalhas de prata e de bronze.

Olhem, esses dados aqui são significativos para quem está indo pela primeira vez e para quem não ganhou ainda a sua medalha.

Definitivamente, o Ministério do Esporte veio para ficar. Eu nunca consegui compreender, Vital, por que o Brasil tinha um Ministério do Esporte ligado ao Turismo. Eu disse, hoje, no encontro de Turismo: se você colocasse um especialista em esportes, possivelmente ele não entenderia de turismo. Se você colocasse um especialista de turismo, ele não entenderia de esporte. Então, porque não criar dois Ministérios distintos, porque são duas coisas distintas?

O Ministério veio para ficar. E quero dizer aqui, na frente de vocês: o companheiro Agnelo tem se saído bem, eu diria, de uma forma surpreendente, de uma forma extraordinária. Posso dizer para vocês que é motivo de orgulho para o meu governo, porque o que este companheiro tem se dedicado, o que este companheiro tem viajado pelo Brasil, o que este companheiro tem tentado fazer para a inclusão esportiva de milhares e milhares de adolescentes e crianças neste país, é algo que poucas vezes foi feito na história do nosso país.

Eu digo sempre o seguinte: nós estamos completando, hoje, dez meses e 27 dias de governo e ainda temos três anos e três dias de governo para terminar o nosso mandato. Se, em dez meses, o Agnelo já fez tudo isso, vocês imaginem o que a gente não vai fazer nesses próximos três anos na área do esporte neste país.

Eu quero desejar a vocês toda sorte que um ser humano pode desejar a outro ser humano. E, para vocês, mais ainda, porque vocês são motivo de orgulho, por várias razões. Uma delas é que vocês dão exemplos àqueles que pensam que não são portadores de nada, àqueles que pensam que não têm nenhuma deficiência e àqueles que tanto mal, muitas vezes, causam ao país, praticando crimes, praticando corrupção, praticando coisas que depõem contra a imagem do nosso país e a imagem do nosso povo.



Vocês, ao contrário. Vocês que, muitas vezes, podem até ter reclamado da vida, por terem nascido com um problema qualquer, eu acho que vocês são os mais dignos e legítimos seres humanos que Deus pôs na Terra.

Porque, apesar de tudo, vocês estão dizendo: “Nós não somos melhores do que ninguém, mas não queremos ser tratados como se fôssemos inferiores a qualquer outra pessoa na face da Terra. Nós não precisamos de favor de governo, não precisamos de esmola de quem quer que seja”. O que vocês estão dizendo é apenas o seguinte: “Dêem-nos uma oportunidade. A mesma que dão para os atletas que conseguem fama, conseguem ser famosos. Nós queremos apenas uma oportunidade para provar que nós somos tão capazes quanto qualquer outra figura na face da Terra.”

E eu quero que vocês saibam que, nesses três anos que faltam de governo, vocês terão do meu governo todas as oportunidades que desejarem e que nós, nos limites da nossa competência, pudermos fazer.

Boa sorte! Que Deus abençoe vocês! E boa vitória para todos nessa Paraolimpíada!

/mcpro/lrj